

RODA DE CONVERSA

36ª SEMANA DO MIGRANTE - 13 A 20 DE JUNHO DE 2021

Migração e diálogo

Quem bate à nossa porta?

1º ENCONTRO

MULHER MIGRANTE



Acampamento Ka-Ubanoco em Boa Vista/RR.
Foto: Roberto Saraiva

1. ACOLHIDA

Animador(a): Sejam bem-vindos e bem-vindas, amigos e amigas para esta Roda de Conversa da Semana do Migrante deste ano que, aliás, é muito desafiadora devido a tantos problemas vividos por causa da covid-19, desemprego, discriminações às pessoas migrantes.

Esta Semana do Migrante nos pede para olhar nos olhos, no rosto da pessoa migrante (como enfatiza nosso Papa Francisco) – “são seres humanos e não números”. O lema “quem bate à nossa porta?” exige de todos e todas a abertura e acolhida para o diferente – todos e todas nós, de diferentes origens, temos que abrir portas e nos enxergar mutuamente para termos um mundo mais irmanado, não é verdade?

Então vamos nos apresentar, dizendo o nome, e de onde nós viemos..... *(tempo para apresentação)*

Canto: Vamos cantar um canto antigo, mas muito atual: “Pelas estradas da vida” (de M. Espinosa)

2. O QUE QUEREMOS CONVERSAR?

Em nosso diálogo desta roda de conversa de hoje, quem irá bater à nossa porta?

Abrimos a porta e encontramos uma desconhecida mulher migrante, refugiada. Ela vai nos falar de um lado, muitas vezes, oculto das migrações – o drama e luta das mulheres! Suas dores e esperanças! Seu grito por dignidade e respeito, num mundo patriarcal e desigual!

(Mas, primeiro, vamos fazer um momento de silêncio e pensar nas mulheres de nossa família que vivenciaram a migração: sejam avós, tias, mães, irmãs, filhas....)

Refrão: “ó vem conosco, vem caminhar, Santa Maria Vem! (bis)

3. VIDAS DE MULHERES MIGRANTES



Maria de Lourdes Soares Machado em visita a migrantes no bairro de São Miguel Paulista, em São Paulo.

Foto: José Carlos A. Pereira

a) Maria de Lourdes Soares Machado

Maria de Lourdes Soares Machado nasceu no dia 10 de maio de 1960, em Minas Novas/MG. Lá no Vale do Jequitinhonha, ela, sua mãe, pai e irmãos já migravam interna-

mente buscando um lugar: no Quebra Bateia, Gravatá, Minas Novas e Chapada do Norte. Ainda muito jovem, foi levada por amigos da família para trabalhar em Belo Horizonte, como empregada doméstica. Em 1988, informada pelas amigas, migra para São Paulo, novamente como doméstica, morando no emprego. Foi na Pastoral dos Migrantes que ela e companheiras participaram do Grupo das Mulheres do Vale do Jequitinhonha e do Movimento Leigo Scalabriniano. Nunca foi possível realizar seu sonho de ser freira, mas se tornou uma grande missionária: visitava conterrâneos no corte da cana, no interior paulista, ajudava outras amigas recém migrantes. Aos domingos, acordava cedo para deixar o almoço pronto na casa em que trabalhava e, claro, com alguns minutos de atraso, saía lá de Carapicuíba, para não falhar às reuniões dos Urbanos do SPM e atividades da Pastoral do Migrante, na Missão Paz. “Lourdes, você não precisa vir à todas as reuniões!” “Moço – como sempre dizia – eu venho porque vocês são a minha família, vocês são os meus irmãos”. E dava aquela risada!

Quando eclodiu a pandemia, Lourdes envolveu-se de corpo e alma para ir ao encontro de Moradores de Rua, doando inclusive sua própria cesta-básica para eles. Ultimamente, também cozinhava para eles na paróquia do seu bairro. Participou de novenas, missões populares, romarias, visitas, e era ministra da eucaristia. Com pequenas economias, construiu uma casinha em Minas Novas para onde sonhava um dia retornar. Se aposentou em novembro de 2020, e no dia 6 de janeiro do ano que inicia (2021), receberia seu segundo pagamento como aposentada. Mas um AVC se interpôs na travessia e no dia 5 de janeiro de 2021 empreendeu nova rota, a derradeira, rumo ao céu, deixando rastros e saudades.

(Colaboraram Dirceu Cutti e José Carlos A. Pereira)

b) Senhora Maria Helena

“A senhora Maria Helena, venezuelana, de 33 anos de idade, em 2019 era mãe de 3 filhos e estava grávida de outro. Devido à crise política, econômica e social de seu país, se viu obrigada a deixar seus filhos com os avós e emigrar para o Brasil em busca de tratamento médico para o filho de 11 anos de idade que, até então, era uma criança saudável como qualquer outra. O menino começou a sentir fortes dores de cabeça, com febre alta e logo seu braço direito começou a adormecer. Ao chegar em Pacaraima, cidade na fronteira com o Brasil e a Venezuela, a senhora Maria Helena com seu filho foram encaminhados para a cidade de Boa Vista-RR. Diagnosticado com encefalite, a situação do filho foi se agravando cada vez mais, a ponto de tornar-se um cadeirante, pois a doença deformou seus membros superiores e inferiores e ainda causou a perda de voz. A senhora Maria Helena teve que regressar várias vezes à Venezuela para ver os demais filhos, até que no ano de 2020 emigrou definitivamente com todos os filhos e seu companheiro para o Brasil e hoje mora em São Paulo, onde continua lutando na esperança de conseguir a cura do filho.”

(Ir. Dirce, missionária scalabriniana)

Para conversar:

- o que destacamos destas histórias de mulheres migrantes?
- sabemos de outras histórias de mulheres migrantes que migraram praticamente sozinhas?

4. ILUMINAÇÃO BÍBLICA

RUTE 2, 1-7

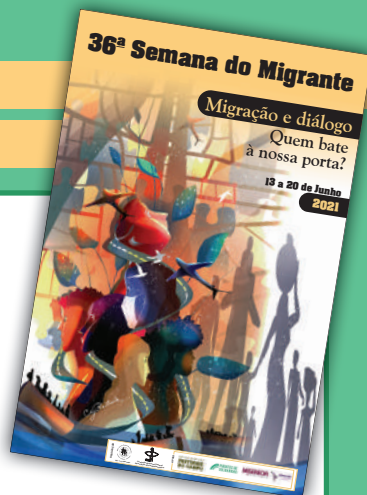
(ver na Bíblia)

Refrão: Tua Palavra é lâmpada para os meus pés, Senhor, luz para o meu caminho!

(Momento de silêncio para meditar sobre o texto e deixar a Palavra de Deus entrar no coração da gente)

5. PARA REFLETIR

L1. Na maioria das vezes, a mulher migrante tem seus direitos violados e, por isso, grita por dignidade. Hoje, as “relações de gênero” são



muito importantes, de maneira que a migração não seja representada apenas como o “homem migrante”

L2. Nem sempre seu protagonismo é respeitado – ela acaba sendo apresentada como frágil, passiva e dependente. Isso dificulta sua emancipação como mulher dona de si e participante nas decisões da família e da sociedade

L1. Mas a mulher migrante, refugiada não se deixa vencer. Vai à luta, envia dinheiro à família que ficou.

L2. A mulher migrante participa da comunidade, participa das organizações e reivindica seus direitos. Quando tem filhos, luta até o fim em defesa deles.

6. COMPROMISSO

- Pensar na formação de um grupo de mulheres migrantes que possam discutir suas questões e buscar saídas
- Ver se nossa legislação municipal contempla os direitos da mulher migrante/refugiada

Benção da Mulher Migrante

(uma mulher faz o pedido de benção)

“Deus abençoe vocês, Deus proteja vocês, Deus ilumine todos os teus passos, toda a vida de vocês, todas as suas famílias. Que Deus ilumine também os teus trabalhos. Saúde, paz, proteção, vida e fortaleza! Que Deus proteja cada um de nós e o mundo inteiro! Que Deus acabe com esta pandemia e que tudo isso vá embora. Que passe para longe de nós! Pelo poder da Santíssima Trindade e da Divina Misericórdia! Deus seja louvado. Paz e Bem, Salve Maria! Um bom dia para vocês e boa semana!

(Esta mensagem foi enviada por Zap, por Maria de Lourdes Soares Machado, “A Lourdinha do Jequitinhonha”, no dia 08 de dezembro de 2020 – dia de Nossa Senhora da Conceição - 28 dias antes de seu falecimento)

7. CANTO FINAL

(tocar as mulheres do Vale – Rubinho do Vale
<https://www.youtube.com/watch?v=jwtBNJ-N8Kg>)

2º ENCONTRO

MIGRANTES NA LUTA POR LIBERTAÇÃO



33ª Missão Popular do Migrante, no Vale do Jequitinhonha, diocese de Araçuaí (MG) – jan/2019 – arquivo do SPM

1. O QUE VAMOS CONVERSAR?

Queridos amigos e amigas, sejam bem-vindas e bem-vindos à nossa segunda roda de conversa da Semana do Migrante de ano, cujo lema é: “quem bate à nossa porta?”. Como de costume, liga-se à Campanha da Fraternidade a qual, sendo ecumênica, envolveu outras Igrejas e escolheu como tema “Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor”, e como lema – “Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade” (Ef 2,14a). Isso nos lembra que Jesus veio abater todo muro de separação entre povos, religiões, culturas, e isso nos desafia a dispormo-nos, pessoalmente, com nossa família e nossa comunidade, com grande abertura de coração e confiança para com os que vêm de outras regiões do nosso país ou do mundo, olhando-os como portadores não só de necessidades, mas também de estilos de vida, modos de pensar, de acreditar, de celebrar que, num diálogo franco e sincero, merecem ser valorizados e vividos como verdadeira riqueza no encontro e na comunhão. Essa atitude pode ser resumida em “acolher, proteger, promover, integrar e celebrar”.

(cantar ou ouvir o hino da Campanha da Fraternidade 2021)

2. DINÂMICA DE ACOLHIDA

Vamos nos acolher reciprocamente. Fiquemos uns minutos olhando-nos uns aos outros, cada um(a) diferente de nós, “estrangeiro/a”, como muitas vezes o somos dentro da nossas próprias famílias; com nossos dons, virtudes, limites, defeitos, histórias, necessidades, desafios, fracassos, sucessos, escolhas, ideais, culturas, crenças, desejos, sonhos; com tudo o que temos em comum e com aquilo que nos diferencia. Pensemos que a Verdade vai muito além das nossas verdades. Aquela Verdade que nós chamamos de Pai, um Pai materno que acolhe a todos, ama a todos, valoriza a todos e nos pede para assumirmos essa mesma atitude em relação a todos, para testemunharmos e sermos, de verdade, filhos e filhas Dele. Isso, sobretudo, com os que, empurrados por qualquer necessidade, de longe, chegam até nós.

Cantemos:

Música – Eu venho de longe (Frei Mingas)

3. VAMOS SABER MAIS

O fator que mais influencia o processo migratório é a procura de trabalho. Quando o movimento ocorre dentro de um mesmo país, estado ou município, estamos na presença de migrações internas. Algumas que mais ocorrem em nosso país são as seguintes:

- Êxodo rural, caracterizado pela transferência de populações rurais para as cidades. As causas principais que o determinam são: a concentração da terra, a mecanização da

agricultura, grandes obras como barragens e hidrelétricas, a industrialização, a expansão do setor terciário, ou seja, comércio de bens e serviços.

- Migração de uma cidade para outra que ofereça mais oportunidades de trabalho
- Migração sazonal, ligada às colheitas estacionais como cana-de-açúcar, maçã, café, laranja, cebola etc.. É por isso uma migração temporária, com o migrante que sai do seu local, em determinado período do ano, e depois volta em outro período do ano.

4. FATOS DA VIDA

Testemunho de

Marcos Antonio Lima – Barras/PI

Eu quero contar para vocês como me tornei um trabalhador escravizado da Fazenda Brasil Verde. Nós estávamos aqui na cidade de Barras-PI, quando apareceu um rapaz à procura de trabalhadores para a fazenda Brasil Verde. Ele explicou que o trabalho era para cuidar do pátio, do gado, dos animais, capinar, e que isso dava para ganhar um dinheiro para ajudar a família. Eu aceitei porque eu estava desempregado, sou filho de mãe solteira e tinha quatro irmãos para ajudar a criar. Saímos da nossa cidade num ônibus clandestino; fomos deixados na parada de trem em Santa Inês – no estado do Maranhão, onde embarcamos no trem. A viagem foi horrível, a gente sentava no chão dia e noite, dormia no chão até chegar numa cidadezinha, onde dois rapazes botaram a gente em dois caminhões cobertos, que nos levaram até a sede da fazenda Brasil Verde, depois de uns três dias de viagem. Só no dia seguinte apareceu um cidadão que pegou os documentos da gente, a nossa carteira, e deu um documento em branco para nós assinarmos. Eu sou analfabeto, não sei ler, eu assinei. Os barracões que a gente ficava não tinham banheiro, nem cozinha; a comida era preparada do lado de fora na lenha; e a água, a gente bebia junto com os bichos, no riacho. Nós trabalhávamos num serviço de desmatamento. Depois que chegamos lá não recebemos nenhum pagamento e tudo que a gente pegava na venda era anotado, como comida, remédio, material de trabalho, botas, chapéu, foice, tudo era anotado. Lá nós ficamos presos. Tinha que trabalhar, se fizesse sol ou chuva, vigiados 24h e só saímos de lá porque a Polícia Federal nos tirou de lá de dentro. Nós éramos muito trabalhadores e eu mesmo pensei que eu não ia mais voltar para a cidade de Barras. O que nós passamos lá dentro, vimos muita coisa errada lá. Agradeço a Deus por nós estarmos aqui e a Polícia Federal que ajudou a gente.

Três músicas, de gerações diferentes, falam de migração:

“Hoje longe, muitas léguas/Numa triste solidão/Espero a chuva cair de novo/Pra mim voltar pro meu sertão” (Asa Branca – Luiz Gonzaga)

“Chegou na cidade grande/Sem emprego e proteção/Estranhou a diferença/Que existia no sertão” (Migração - Jair Rodrigues)

“O João aceitou sua proposta/E num ônibus entrou no Planalto central/Ele ficou bestificado com a cidade/Saindo da rodoviária viu as luzes de natal/Meu Deus mas que cidade linda!” (Fa-roeste Caboclo – Legião Urbana)

5. ILUMINAÇÃO BÍBLICA

• No Antigo Testamento

Leitura de Deuteronômio 10, 17-19

(ler na Bíblia)

• No Novo Testamento

Mais do que no próximo, o cristão contempla no migrante o rosto do próprio Cristo, cujos pais deixam Nazaré, na Galileia, para dirigirem-se a Belém, na Judeia, onde ele nasce em condições precárias; logo depois foge, como migrante, para o Egito, assumindo e recapitulando em si esta experiência fundamental do seu povo (cf Mt 2, 13ss). Nascido fora de casa e vindo de fora da pátria (cf Lc 2,4-7), viveu entre nós (cf Jo 1,11.14) e passou a sua vida pública itinerante, percorrendo “cidades e aldeias” (cf Lc 13:22; Mt 9:35). Ressuscitado, mas ainda forasteiro, desconhecido, Ele apareceu a caminho de Emaús a dois dos seus discípulos que o reconheceram apenas ao partir o pão (cf Lc 24,35). Os cristãos, portanto, vivem no seguimento de um viajante “que não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8,20; Lc 9,58).

Também no juízo final Ele se apresentará como forasteiro: “Eu era forasteiro e me acolhestes em casa” (Mt 25, 35).

6. REFLEXÃO

Para a Igreja a presença dos migrantes é uma provocação à fé e ao amor dos fiéis que são solicitados, em primeiro lugar, a olhar para eles com simpatia (palavra que tem o mesmo sentido de compaixão, mas soa melhor); a tratá-los como a visita do próprio Deus; a curar os males dos quais sofrem; a compartilhar o que temos e o que somos; a ensinar e aprender com eles. Tudo isso de graça, sem querer fazer proselitismo, sabendo que Deus se alegra das nossas diversidades; juntos interrogarmo-nos sobre as causas das migrações e sobre o desígnio que Deus realiza em todo esse processo migratório, denunciando as injustiças e promovendo a solidariedade. Procuremos ver como isso se encaixa nas nossas relações com eles, ou se estamos ainda longe de torná-lo prática no nosso dia a dia.

7. DESAFIOS E GESTO CONCRETO

A partir desta reflexão, pensemos em nossas falhas e escolhamos os primeiros passos que podemos dar para integrar os migrantes na vida da gente e na atuação das nossas comunidades, valorizando a cultura deles.

8. ORAÇÃO FINAL

Senhor, Pai de ternura, ajude-nos a trabalhar juntos para quebrar o jugo da pobreza e da violência que oprime o nosso povo;

Deus libertador, Tu que nos mostras o caminho no deserto, conceda-nos encontrar a maneira de dividir o pão com os famintos, vestir os necessitados, cuidar dos desvalidos;

Senhor nosso refúgio, Tu queres que vivamos em segurança e prosperidade, guie-nos para ajudar os migrantes a construírem suas vidas com segurança e serenidade;

Jesus Cristo, Tu és a luz dos que tateiam nas trevas, ajude-nos a denunciar as situações de injustiça e contribuir para criar uma ordem social baseada em relacionamentos corretos para que o nosso povo e toda a criação possam progredir em paz e harmonia.

Graças à ternura e à misericórdia do nosso Deus, um sol que nasce do alto nos visitará para brilhar sobre os que estão nas trevas e na sombra da morte e orientar os nossos passos no caminho da paz-shalom-axe. Amém.

(Canto final a escolher)

3º ENCONTRO CRUZANDO FRONTEIRAS

1. ACOLHIDA

Animador(a): Sejam bem-vindos e bem-vindas, amigos e amigas, para esta terceira e última Roda de conversa desta Semana do Migrante, cujo lema é “quem bate à nossa porta?” Nos outros encontros, conversamos sobre a mulher que migra sozinha e sobre os migrantes levados ao trabalho escravo, sem salários e vigiados. Hoje vamos falar sobre a família forçada a migrar. Famílias que cruzam fronteiras. Fronteiras que funcionam como muros que dividem países. Pela fé, os migrantes enfrentam tudo: discriminações, humilhações, necessidades, mas levam dentro de si a teimosia e esperança de vida melhor!

2. O QUE QUEREMOS CONVERSAR?

Em nosso diálogo da Semana do Migrante, na conversa de hoje, quem bate à porta de nosso país? (tempo para pensar)

- tem quem ache que a pessoa migrante vem roubar o trabalho, o emprego....

- tem quem ache que famílias migrantes vêm para

sobrecarregar os serviços públicos já fracos....

- tem quem ache que a fronteira deve ser fechada, e muros devem ser construídos....

- tem quem ache que é bom e natural desconfiar dos migrantes – das culturas diferentes....

Mas pense um pouco:

Foi isso que muita gente pensou dos nossos avós e pais que migraram.

Pessoas, na verdade, corajosas.

Como foram lutadoras estas mulheres que vieram de outros países, do sertão, de outros estados!!!!

Em outras palavras: nós viemos de povos migrantes!!!

Fazemos parte da grande família humana – não há motivo para discriminação, xenofobia, ódio ao diferente.

O povo migrante bate à nossa porta – em nossas comunidades, nas praças, no trabalho, Suas crianças precisam de escolas e querem brincar com nossas crianças!

Sociedades, Igrejas, não fechem as portas aos migrantes!!!

Corações não se fechem aos migrantes, pois “Eu era peregrino e vocês me acolheram” (cf. Mt 25, 38)

(Ouvir a música/ou ver o vídeo: “Diáspora” – Tribalistas)

Acalmou a tormenta

Pereceram

O que a estes mares ontem se arriscaram

E vivem os que por um amor tremeram

E dos céus os destinos esperaram

Atravessamos o mar Egeu

Um barco cheio de Fariseus

Com os Cubanos

Sírios, ciganos

Como Romanos sem Coliseu

Atravessamos pro outro lado

No rio vermelho do mar sagrado

Os center shoppings superlotados
De retirantes refugiados

You

Where are you?

Where are you?

Where are you?

Onde está

Meu irmão sem irmã

O meu filho sem pai

Minha mãe sem avó

Dando a mão pra ninguém

Sem lugar pra ficar

Os meninos sem paz

Onde estás meu Senhor

Onde estás?

Onde estás?

Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?

Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes

Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito

Que embalde desde...

3. COMO É A VIDA NA MIGRAÇÃO?

Emigramos da Amazônia venezuelana para a Amazônia brasileira



Foto: Família Carabia

Somos uma família venezuelana com dois filhos, um menino de sete (7) e uma menina de cinco (5) anos, fomos sequestrados em nossa própria casa de 1h às 5h da manhã. Após nos libertarmos por nossos próprios meios, as autoridades não puderam nos auxiliar, o Corpo de Investigações Científicas e Criminais (CICPC) não pôde atuar, fechado e sem pessoal. Também pedimos ajuda à Guarda Nacional, lá só nos levaram os dados. Eles não podiam fazer mais nada.

Em outra ocasião já havíamos sido vítimas de roubos e sequestros, esses acontecimentos e a falta de alimentos nutritivos para todos da família nos obrigaram a tomar a decisão de deixar o país em busca de um futuro. Sem segurança e alimentos nutritivos, a vida de nossa família ficou seriamente comprometida.

Chegou o dia que não queríamos enfrentar, o dia de deixar a Venezuela, uma decisão muito difícil de tomar mas, com a ajuda de Deus, sua orientação e meses de conversa com minha esposa e família, tive que começar a viagem, deixando para trás minha esposa e filhos, com a promessa de se juntar a nós o mais rápido possível.

Com pouco dinheiro e com a esperança de encontrar um futuro melhor para minha família, saí da Venezuela rumo ao Brasil, Manaus, capital da Amazônia, onde tive parentes que me acolheram na chegada. Fiquei quatro meses morando com eles, sem emprego. Ouvi que o Brasil é um país com grande demanda por empregos. Dediquei-me a ajudar meus familiares em pequenas tarefas como pintar, limpar pátios, entre outros ofícios que me permitissem não perder minha dignidade, sentindo-me útil.

Família é família e eles me trataram muito bem, não posso reclamar, mas o tempo foi passando e não consegui nada; andei horas à procura de trabalho; conheci gente boa, outras não tão boas. Às vezes eu consertava computadores e eles me davam o valor de um almoço. Passei dias com fome, sem dinheiro para comer e, às vezes, caminhava para chegar em casa porque não tinha como

pagar o ônibus. Outras vezes, ficava sentado em uma praça para pensar naqueles dias em que a única coisa que eu podia fazer era ter fé para pedir orientação e ajuda a Deus.

Depois de tanta busca, depois de 5 meses, consegui um emprego em uma empresa de estacionamento, a princípio, devido ao meu status profissional e currículo, me propuseram como Líder (supervisor) como dizem no Brasil, mas depois o proprietário informou-me que na empresa muitos não concordavam que um estrangeiro e menos ainda um venezuelano ocupasse essa posição.

Atualmente continuo na empresa, vou servir um ano de serviço como 1x2 Parquero, e nas minhas horas vagas trabalho como Uber (taxista). Tenho causado boa impressão em alguns brasileiros porque trabalho muito.

Após 10 meses consegui trazer minha família, estamos juntos graças a Deus. Minha esposa ainda está desempregada, mas com todos os papéis em ordem. Ela também está em busca de emprego profissional. As crianças estão em escola pública e são muito bem tratadas. Entre as crianças não tivemos problemas de xenofobia, assédio ou coisa parecida. Porém, sempre de forma discreta, sabendo da nossa condição de imigrantes.

Para conversar: que parte deste depoimento nos chamou mais a atenção?

4. ILUMINAÇÃO BÍBLICA LUCAS 14, 15B-24

“Saia pelas estradas e caminhos e faça as pessoas virem aqui, para que a casa fique cheia”

(ver na Bíblia)

5. PARA REFLETIR COMO A PASTORAL DOS MIGRANTES CONTINUA A PRÁTICA DE JESUS?

L1. Estradas e caminhos por onde andam homens, mulheres e crianças migrantes são o deserto de hoje, onde se luta para recriar a vida!

L2. No banquete do mundo de hoje, as pessoas migrantes são excluídas, criminalizadas, perseguidas

L1. L2. Quando é que nossa porta realmente se abre ao migrante?

6. COMPROMISSO

Vamos abrir as portas das comunidades, das igrejas, das escolas, dos postos de saúde, hospitais, universidades, câmaras municipais, praças, trabalho; vamos abrir portas da cultura, da dança, música, religiosidade; vamos abrir as portas da nossa mente e coração para

acolhermos o novo que está chamando.

Neste tempo de Covid 19 está sendo muito importante o trabalho de solidariedade das equipes do SPM – Serviço Pastoral do Migrante em apoio às famílias migrantes, visto que elas lutam por sobrevivência, moradia, reunião familiar, entre outros. Há que se destacar a presença de muitos e muitas migrantes nacionais e internacionais nas equipes da nossa Pastoral.

7. BENÇÃO FINAL

Vem Senhor Jesus,
Junte quem sai, chega, quem fica na solidão
Quem bate à nossa porta,
Buscando abrigo e alimentação.
Vem Senhor Jesus,
Ninguém sem amor, ninguém sem consideração!
Ninguém seja excluído por não nascer neste chão
Terra para o migrante é a pátria que lhe dá o pão
Vem Senhor Jesus,
Queremos a humanidade
Toda unida de irmãos
Não queremos guerra ou armas
Queremos vacinação
Vem Senhor Jesus,
Pois somos filhos e filhas de Deus,
Independente de religião.
Que não querem divisão
Abençoe esta roda
de conversa da migração!!!!
(pensar um gesto ecumênico de benção)

“Já estou chegando e batendo à porta. Quem ouvir minha voz e abrir a porta, eu entro em sua casa e janto com ele, e ele comigo” (Apocalipse 3,20)

8. CANTO FINAL

NAS HORAS DE DEUS AMÉM (Zé Vicente)
Nas horas de Deus, amém! Pai, Filho e Espírito Santo! (bis)
Luz de Deus em todo canto, nas horas de Deus, amém! (bis)
Nas horas de Deus, amém! Que o bem nos favoreça, (bis)
que o mal não aconteça, Nas horas de Deus, amém! (bis)
Nas horas de Deus, amém! Que o coração do meu povo, (bis)
de amor se torne novo, Nas horas de Deus, amém! (bis)
Nas horas de Deus, amém! Que a colheita seja boa, (bis)
que ninguém mais vague à toa, Nas horas de Deus, amém! (bis)